



Crônica da Cidade

por Flávia Duarte >> flaviaduarte.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A "marvada" da cachaça

Nunca gostei de beber. Não é por carterice, por causa de estilo de vida ou por qualquer crença abstêmia. De cerveja, não gosto nem do cheiro. Vinho me dá sono, em vez de tesão. Conhaque, nunca tentei. Tequila queima a goela e, depois da primeira taça de champanhe, meus pelos arripiam como sinal de perigo emitido pelo estômago embrulhado.

Assim, costume curtir uma festa de cara

limpa, com a animação que a ocasião merece. Mas uma vez tomei três caipirinhas. Ah, essa combinação brasileira, sim, me encanta o paladar. Nada de vodca, gosto mesmo é com cachaça. Cometi erros de iniciantes: tomei rápido, não comi e não bebi água. Soma-se a isso minha personalidade ora explosiva ora efusiva. Pronto, estava armada a bomba-relógio.

Não quero aqui me lembrar dos detalhes daquela noite que hoje rende boas risadas, mas que, no dia seguinte, me deixou com uma náusea tão incontrolável quanto a minha vergonha. Concluo, porém, sem moralismo, que álcool, para os fracos como eu, rouba o sentido, faz você perder o prumo e se perder no rumo.

No meu caso, a cachaça ainda leva embora o equilíbrio, do corpo e da mente. Ao me despedir de uma amiga, a alteração dos sentidos fez com que meu abraço entusiasmado nos levasse ao chão. Eu esticada embaixo, ela esticada em cima de mim. Não me lembro como nos levantamos, mas tenho certeza de que o episódio é verdade por causa do esfolado no cotovelo que ela exibiu no dia seguinte.

Nesse ponto o álcool é bom: com ele, você dá boas risadas. Durante e depois. Qualquer festa se torna mais divertida, os tímidos se soltam, as verdades aparecem. Com um copo na mão, você diz coisas que a sobriedade não permite e a razão esconde. Seu corpo fica mais flexível

na dança e todo mundo se torna, para sempre, seu amigo de infância. O problema é quando a dose excede.

Já tive amiga que não segurou o xixi e se aliviou ali mesmo, na pista de dança. Envergonhada, prometeu que da próxima vez controlaria, a qualquer custo, a bexiga. Assim ela fez, mas nunca soube explicar por que em uma outra festa decidiu urinar dentro da própria bolsa.

Por causa da cachaça, já vi moça com pose de intelectual perder a linha e dar na cara de moça com pose de periguet. Já vi moleque com idade de adulto se esconder atrás do bar para não ouvir aquilo que merecia, mas que só outro bêbado teria coragem de dizer.

Álcool te rouba a memória. Amiga minha já perdeu o próprio carro. Voltou para casa de táxi, pois não sabia que tinha ido para festa com o próprio veículo. Outra quase quebra o nariz ao, literalmente, desabar em cima da mesa e amassar a cara na quina do móvel.

Por causa de uns goles a mais, já vi gente entrar em briga, ter ciúmes, perder objetos de valor e, pior, perder a dignidade. E isso é algo que muitas vezes não se recupera. Por isso, decidi nunca mais correr o risco de beber além do que meu corpo permite e que minha sanidade alerta. Melhor mesmo ficar sóbria. Mais divertido que ficar bêbada é rir de quem exagerou na dose.

VIOLÊNCIA / Paula Caxias detalha o drama que vive desde que um policial civil do DF atingiu com um tiro o garoto de 6 anos, durante um engarrafamento na BR-070. A criança passou por uma cirurgia e permanece em coma induzido desde então

Mãe reanimou filho baleado

>> THIAGO SOARES

Cerca de 48 horas depois de o filho ser baleado por um policial civil do DF, a mãe da criança deu detalhes do crime que chocou o DF e o Entorno. No auditório do Hospital Santa Helena, na Asa Norte, onde o menino está internado, Paula Caxias narrou os momentos de desespero ao ver o filho ferido e desacordado, no carro da família, e a força que teve para reanimá-lo. "Eu não podia aceitar que o meu filho estava ali, morto. Eu desci do carro, abri a porta, desvirei ele, ajetei-o na cadeirinha e comecei a fazer massagem", relembra (leia Ponto a ponto). O responsável pelo crime, Sílvio Moreira Rosa, 54 anos, havia fugido do local, a BR-070, e o pai da criança estava ajoelhado ao lado do veículo, sem acreditar no que havia acontecido.

Depois de reanimar o filho, Paula e o marido seguiram pela rodovia em busca de um hospital. No caminho, reencontraram o policial. Com medo de outro ataque, a família reduziu a velocidade. "Eu falava para o meu marido deixar ele fugir e nem chegar perto, senão ele ia atirar de novo e não chegaríamos ao hospital. Ele fugiu. Quando sumiu da nossa vista, a gente seguiu." Ainda na BR-070, eles viram um posto do Samu, onde foram realizados os primeiros socorros. "Estavam ali, de prontidão para atender o meu filho", contou. Depois, o menino foi levado para o Hospital Bom Jesus, em Águas Lindas, e transferido para o Hospital de Base do DF. Mais tarde, seguiu para o Santa Helena.

O garoto passou por uma cirurgia na madrugada de sábado para a retirada da bala. Suspeita-se que o projétil esteja alojado no coração, mas a equipe médica não o encontrou após uma operação de quase oito horas. Por causa da gravidade do caso, ele está em coma induzido na UTI infantil. "Por enquanto, ele não vai passar por um novo procedimento. A criança está bem estável e, agora, é só esperar um pouco a evolução. Ele está em coma induzido, que significa sedar o paciente até estabilizá-lo. Isso é para equilibrar até ele ficar bem e estável para começar a acordá-lo", detalhou a coordenadora médica da pediatria, Alzira Santos.

O policial civil continua preso na Divisão Estadual de Investigações de Homicídios, em Goiânia. Foi transferido para a capital goiana por questões de segurança. Ele disse que pensou ser um assalto e por esse motivo atirou três vezes contra o carro da família de Paula — eles enfrentavam um congestionamento na BR-070 devido a obras no local. Para a mãe, não há justificativas. "Ele sabia que ali tinha uma criança. Não existe discussão. Não existe assalto. Estávamos com os vidros abaixados. Não é nítido que é uma família? Isso não é nítido para vocês?", questionou.

Thiago Soares/CB/D.A Press



Falei para o meu marido: 'Acelera, ele deve estar querendo bater.' Eu calei a boca e começamos os tiros"

Como você olha para trás e vê seu filho virado, morto? Eu não podia aceitar. Eu desci do carro, abri a porta, desvirei ele, ajetei-o na cadeirinha e comecei a fazer massagem"

Ponto a ponto

PAULA CAXIAS, MÃE DE CRIANÇA DE 6 ANOS BALEADA POR UM POLICIAL CIVIL DO DF

Percurso

"Fomos no carro eu, o meu marido dirigindo e o meu filho na cadeirinha de trás. Eu estava indo a Cocalzinho (GO) resolver a documentação de um imóvel. Já havia passado por todo o Girassol. Entre Girassol e Adelândia, tem um trecho da estrada que está em obras. Então, a pista deixa de ser dupla e passa, primeiro, um lado e, depois, o outro. Eles (o policial e familiares) estavam à nossa frente, nesse Jeta Branco à nossa frente. Ele pegou esse trajeto da parte que estava em obras interditado na nossa frente."

Manobras

"Ele passou por nós ainda na descida após Águas Lindas, fazendo uma ultrapassagem doida naquela curva, quase bate com um caminhão que vinha devagarzinho na pista. E, quando nós chegamos lá, de longe vimos o carro dele parado, então, a gente entendeu que, pelos cones e pelo carro parado, (o trecho) estava em obras. Ele seguiu na nossa frente. Nessa passagem, ele já ia dando brecaças no carro, quando a pessoa fica travando o carro para bater na traseira. Eu já avisei para o meu marido que ele deveria estar a fim de confusão, uma pessoa que faz isso. Eu ainda falei isso para o meu marido: 'Quando acabar essa parte da interdição, você já pega o outro lado e segue na frente para não termos problema.'"

Tiros

"Quando acabou a parte que tinha os cones, o meu marido pegou o outro lado, e a gente seguiu. Não sei o que aconteceu. Ele tentou ultrapassar a gente, chegou a ficar lado a lado na

pista. Nós, na via certa, e ele, na contramão. Ele não conseguiu ultrapassar porque vinha outro carro. Ele teve de sair da contramão e veio para trás da gente. Quando ele veio atrás, vi que estava chegando muito próximo. Como ele estava dando brecaças naquela parte da obra, eu pensei: 'Deve estar querendo bater na traseira, já que a gente não bateu quando ele estava dando brecaças'. Falei para o meu marido: 'Acelera, ele deve estar querendo bater.' Eu calei a boca e começamos os tiros."

Desespero

"Foi muito tiro. Quando eu entendi que era tiro, eu falei: 'Corre mais. Ele está atirando.' Eu gritei: 'Filho, tira o cinto. Para esconder atrás do banco da mamãe.' Eu já falei e já fui virando, eu e o meu marido. Ele conseguiu tirar o cinto. Acho que o pai dele conseguiu ajudar porque foi rápido. Quando o meu marido o puxou para ficar atrás de mim, ele já caiu. O meu filho caiu debruçado, com as costinhas cheias de sangue. Roxo, já gelado. Quando o meu marido puxou a mão cheia de sangue, ele não aguentou, parou o carro. Abriu a porta, se ajoelhou na pista e abriu os braços e começou a gritar: 'Você matou o meu filho, meu filho está morto.' E ele estava parado atrás da gente. Eu desci do carro e ainda gritei para ele: 'Você atirou no meu filho.'"

Frieza

"Ele simplesmente deu a volta e saiu. Ele atirou no meu filho. Ele sabia que ali tinha uma criança. O meu filho está fazendo a propaganda do colégio onde ele estuda. A traseira do meu carro tem a foto do meu filho e o nome do colégio. Todo mundo sabe que ali é um carro em que vai uma criança. Não existe discussão. Não existe assalto. Estávamos com os

vidros abaixados. Não é nítido que é uma família? Isso não é nítido para vocês? Ele simplesmente virou e foi embora, e o meu marido ficou lá no chão, e eu não podia aceitar que o meu filho estava morto ali."

Força

"Como você olha para trás e vê seu filho virado, morto? Eu não podia aceitar. Eu desci do carro, abri a porta, desvirei ele, ajetei-o na cadeirinha e comecei a fazer massagem. Eu só sabia que não queria aceitar. Eu fazia muito e com muita força. Com muita força. A cabecinha dele balançava de tanto que eu fazia com força. Ele abriu o olho, bem pouquinho e falou: 'Mamãe, eu estou com sono, mas eu já não estou quase te enxergando'. Quando ele falou isso, eu vi que estava vivo. Eu consegui fazer o meu marido levantar, e disse para ele: 'Tu não olha para trás e dirige o máximo que tu der conta, que eu tenho que chegar a algum lugar. Eu tenho que achar alguém para salvar meu filho.'"

Medo

"A gente ainda o encontrou (o policial) voltando lá embaixo de novo, descendo aquela ponte de Girassol. Para você ver como Deus é grande. O cara fugiu na hora em que começamos a gritar que ele matou nosso filho. Ele fugiu naquela hora, eu tive tempo para reanimar meu filho, e a gente ainda encontrou com ele lá embaixo. Eu fiquei com medo. Eu tinha de passar porque eu tinha de chegar ao hospital, mas a gente não podia chegar perto dele, porque tínhamos medo de ele atirar de novo. Eu falava para o meu marido deixar ele fugir e nem chegar perto, senão ele ia atirar de novo e não chegaríamos ao hospital. Ele fugiu. Quando sumiu da nossa vista, a gente seguiu."



Assista a VÍDEO com depoimento de Paula Caxias no tablet e no site do CORREIO

SECRETARIA EXECUTIVA
SUBSECRETARIA DE
PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO
E ADMINISTRAÇÃO
COORDENAÇÃO GERAL DE
GESTÃO ADMINISTRATIVA

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



AVISO DE CHAMAMENTO PÚBLICO

O Ministério do Meio Ambiente - MMA, por intermédio da Coordenação Geral de Gestão Administrativa - CGGA, torna público que pretende locar imóvel em Brasília/DF. O imóvel deverá atender as especificações constantes do Anexo 1 do Edital de Chamamento Público, disponível no site eletrônico do MMA www.mma.gov.br, por meio do link: Licitações e Contratos > Chamamento Público - Locação de Imóvel. As propostas serão recebidas até às 18 horas, horário de Brasília, do dia 20 de janeiro de 2017, no Setor de Protocolo do MMA, na Esplanada dos Ministérios, Bloco "B", Térreo, em Brasília/DF, CEP: 70068-900, pessoalmente ou enviado por via postal. Até a data e horário limites para apresentação das propostas, os interessados poderão retirar a proposta enviada ou alterá-la. Dúvidas e esclarecimentos na CGGA/MMA, Telefone (61) 2028-1101/1110/1355, endereço eletrônico ericsson.lima@mma.gov.br.

FUNDAÇÃO ASSIS CHATEAUBRIAND

AVISO DE LICITAÇÃO

Para fiel execução dos Convênios 01/2014, 02/2014, 01/2016 e 02/2016, torna-se público o Edital:

Nº 02/2017

Contratação de empresa especializada em realização de exames de saúde ocupacional, (admissional, demissional, periódicos), programas de PCMSO e PPRA, conforme especificado no Edital.

Data limite para recebimento das propostas: 13/11/2017, até às 18h.

O inteiro teor do Edital e informações complementares podem ser obtidos no endereço <http://www.facbrasil.org.br/>

ELIANE OLIVEIRA
Analista de Contratos